



GRADUAÇÃO EM  
ADMINISTRAÇÃO  
P Ú B L I C A

# INTRODUÇÃO À ECONOMIA

PROFESSOR ANDERSON LUIZ DE OLIVEIRA

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# ÍNDICE

## O SIGNIFICADO DE ECONOMIA

*Caro estudante, nesta primeira Unidade do livro de Introdução à Economia, faremos uma abordagem de alguns conceitos que consideramos básicos no estudo da Economia, além de apresentarmos temas variados sobre o funcionamento do sistema econômico que, devido à escassez, precisa tomar decisões corretas sob pena de todos perdermos. Atualmente, com a velocidade das transformações e a redução das distâncias, o mundo ficou mais próximo, e com isso os problemas afligem a todos com maior rapidez.*

Nos dias de hoje, quando andamos pela cidade, percebemos grande movimento no comércio. Centenas de pessoas enchem as lojas, despertando contentamento enorme nos vendedores. Os compradores também demonstram parecer contentes, pois as lojas oferecem uma infinidade de produtos, desde roupas de todos os tipos até equipamentos eletrônicos mais sofisticados, de modo a satisfazer a todos os gostos.

Veja que essa variedade de bens satisfaz a vontade do consumidor desde o mais exigente e mais rico até o menos exigente e com menor poder de compra. O importante é que muitos produtos milhares de pessoas podem comprar todos os dias. Essa cena pode ser vista em qualquer cidade do Brasil e do mundo.



A disciplina Introdução à Economia, que estamos iniciando, se interessa, em grande medida, por essas coisas ditas comuns. Então mãos à obra!

*Saiba mais:*

Alfred Marshall (1842-1924) Considerado um pensador da economia com contribuições às teorias da demanda e da utilidade. Matemático, se dedicou aos estudos econômicos e lecionou Economia na Universidade de Cambridge. Seu livro Princípios de Economia Política, lançado no final do século XIX, influenciou o desenvolvimento de novas pesquisas e deixou marcas nos ensinamentos da Economia Neoclássica no século XX (HUNT, 2005).

No Século XIX, Alfred Marshall disse que a Economia procura estudar os negócios comuns da vida da humanidade. Por negócios comuns, podemos entender as cenas comuns da vida econômica.

*Mas, o que vem a ser a Economia? Como funciona nosso sistema econômico? Quando e por que o sistema econômico entra em crise, ocasionando mudanças de comportamento das pessoas e empresas? Você saberia responder?*



Etimologicamente, a palavra “economia” vem dos termos gregos oikós (casa) e nomos (norma, lei). Pode ser compreendida como “administração da casa”, pois, administrar uma casa é algo bastante comum na vida das pessoas. Portanto, é interessante essa aproximação do mundo da casa com o mundo da economia.

Em outras palavras, podemos dizer que a Economia estuda a maneira como se administram os recursos disponíveis com o objetivo de produzir bens e serviços, e como distribuí-los para seu consumo entre os membros da sociedade.

*Agora é sua vez. Faça uma reflexão a partir de: como você e sua família tomam decisões no dia a dia? Que tarefas cada membro deve desempenhar e o que cada um vai receber em troca? Quem vai preparar o almoço e o jantar? Quem vai lavar e passar? Que aparelho de televisão vai ser comprado? Que carro vai ser adquirido? Onde passar as férias de final de ano? Quem vai? Onde vai ficar?*

Segundo, Nicholas Gregory Mankiw (2005, p. 3), “[...] cada família precisa alocar seus recursos escassos a seus diversos membros, levando em consideração as habilidades, esforços e desejos de cada um”.

Cabe observar que, além das habilidades, os recursos produtivos ou fatores de produção, são elementos também utilizados no processo de fabricação dos mais variados tipos de bens (mercadorias) e utilizados para satisfazer às necessidades humanas.

*Saiba mais:*

Nicholas Gregory Mankiw – Um dos maiores economistas dos EUA e professor da Universidade de Harvard.



### *O que você entende por necessidade humana?*

Isso mesmo! A necessidade humana envolve a sensação da falta de alguma coisa unida ao desejo de satisfazê-la. Acreditamos que todas as pessoas sentem necessidade de adquirir alguma coisa, sentem desejo tanto por alimentos, água e ar, quanto por bens de consumo como comprar sapatos, sabonete, televisão, computador, geladeira etc.

Da mesma forma que uma família precisa satisfazer suas necessidades uma sociedade também precisa fazer o mesmo. Aliás, precisa definir o que produzir, para quem produzir, quando produzir e quanto produzir. Em linhas gerais, a sociedade precisa gerenciar bem seus recursos, principalmente se considerarmos que estes, de maneira geral, são escassos.

### **EXPLICAÇÃO SOBRE O SENTIDO DE ESCASSEZ NA ECONOMIA**

Assim como uma família não pode ter todos os bens que deseja, ou seja, dar aos seus membros todos os produtos e serviços que desejam, uma sociedade também não pode fazer o mesmo. A razão para que isso aconteça está na escassez, isto é, quando os recursos são limitados em termos de quantidade disponível para uso imediato.

Assim, a Economia tem sido entendida como o estudo de como a sociedade administra seus recursos escassos, embora haja quem discorde desse argumento.

Ainda que possamos estudar Economia de muitas maneiras, existem algumas ideias que se tornam centrais nesta disciplina, consideradas como princípios básicos de Economia por parte de alguns economistas. Portanto,



para poder compreender Economia, é bom saber mais sobre o sentido da ciência econômica.

Segundo Mankiw (2005), não há nada de misterioso sobre o que vem a ser uma economia. Em qualquer parte do mundo, uma economia refere-se a um grupo de pessoas que interagem entre si e, dessa forma, vão levando a vida.

Diante disso, podemos imaginar que a primeira coisa que precisamos entender quando se quer compreender uma economia é saber como são tomadas as decisões.

## **TOMADA DE DECISÕES**

O processo de tomada de decisão envolve quatro princípios:

- Primeiro: as pessoas precisam fazer escolhas, e essas escolhas não são de graça. Elas precisam ser feitas tendo em vista que os recursos são escassos. Não é possível atender a todas as necessidades de maneira ilimitada. Portanto, a sociedade precisa fazer suas escolhas, assim como os indivíduos
- Segundo: o custo real de alguma coisa é o que o indivíduo deve despendar para adquiri-lo, ou seja, o custo de um produto ou serviço refere-se àquilo que tivemos que desistir para conseguir compensar com outra coisa.
- Terceiro: pessoas são consideradas racionais e, por isso, elas pensam nos pequenos ajustes incrementais de todas as suas



decisões, nos ganhos adquiridos em função das suas escolhas. Isto significa que as pessoas e empresas podem melhorar seu processo de decisão pensando na margem. Portanto, um tomador de decisão considerado racional deve executar uma ação se, e somente se, o resultado dos benefícios marginais forem superiores aos seus custos MARGINAIS.

- Quarto: as pessoas reagem a estímulos. Como elas tomam suas decisões levando em conta os benefícios e seus custos, qualquer alteração nessas variáveis pode alterar o comportamento da sua decisão. Assim, qualquer incentivo que ocorra pode alterar a conduta do tomador de decisões. Nota-se que os formuladores de políticas públicas fazem bastante uso deste princípio.

## FUNCIONAMENTO DAS ECONOMIAS

A questão básica que norteia o processo econômico implica em como as pessoas interagem, ou seja, como as economias funcionam. Logo, a partir desse princípio, podemos compreender que o comércio pode ser bom para todos os agentes, os mercados são geralmente bons organizadores da atividade econômica, os mercados às vezes falham e, por isso, os governos podem melhorar os resultados do mercado, através de uma eficiente administração pública. Portanto, o desenvolvimento econômico e a expansão das atividades econômicas de um país são pontos fundamentais para entender como funciona sua economia.

*O padrão de vida das pessoas depende da sua capacidade de produzir bens e serviços.*



Na realidade, a ideia de que há ganhos com o comércio foi introduzida na Economia de forma mais bem elaborada em 1776, por Adam Smith. Isto aumenta a produtividade do sistema e conseqüentemente a quantidade de bens e serviços à disposição das pessoas.

*Saiba mais:*

Adan Smith nasceu em Junho de 1723, faleceu em 1790, com 67 anos de idade. Considerado um grande filósofo e economista – o maior dos clássicos e o pai da Ciência Econômica. Em 1776 publico o livro A Teoria dos Sentimentos Morais, um dos mais influentes livros de teoria moral e econômica do mundo.

*Dessa forma, temos mais comércio, mais desenvolvimento dos lugares e das pessoas. Você concorda?*

Em economias centralizadas, são os planejadores que estabelecem quanto vai ser produzido e o que vai ser consumido. Dessa forma, apenas o governo, através do órgão de planejamento, pode organizar a atividade econômica de maneira a oferecer e atender a todas as demandas eventualmente estabelecidas pela população.

Veja que em economias de mercado essa função de estabelecer o quanto e como produzir é atribuição do mercado, ou seja, as decisões do planejador central são substituídas pelas decisões de milhares de pessoas e empresas. Diante disso, o mercado é considerado, na maioria das vezes,



a melhor forma para destinar os recursos escassos. Porém, às vezes, ele falha nesse processo de destinar de maneira eficiente os recursos e fazer a distribuição equitativa de seu produto, e, quando isso acontece, o governo precisa intervir na economia.

*Atenção! Quando os mercados não estão alcançando a eficiência econômica e a equidade na distribuição de renda, a intervenção do governo deve ocorrer.*

Podemos dizer que a questão da capacidade de produzir bens e serviços está relacionada ao nível de produtividade do país. Para Romer (2002), o que explica as grandes diferenças de padrão de vida entre os países ao longo do tempo é a diferença de produtividade entre eles. Logo, onde a produtividade das pessoas é maior, ou seja, produzem mais bens e serviços em menos tempo, o padrão de vida é maior.

## **BENS E SERVIÇOS**

*De um modo geral, o objetivo de toda e qualquer indústria é produzir bens e serviços para vendê-los e obter lucros. Mas o que você entende por bens? E por serviços?*

Podemos dizer, de forma global, que bem é tudo aquilo que permite satisfazer às necessidades humanas. Os bens podem ser:



- **Bens livres:** aqueles cuja a quantidade é ilimitada e podem ser obtidos sem nenhum esforço na natureza. Por exemplo: a luz solar, o ar, o mar. Esses bens não possuem preços.
- **Bens econômicos:** são relativamente escassos, têm valor no mercado, e supõem a ocorrência de esforço humano para obtê-lo. Por exemplo: um carro, um computador etc.

Os bens econômicos são classificados em dois grupos:

- **Bens materiais:** como o próprio nome já diz são todos aqueles de natureza material, que podem ser estocados e são tangíveis, tais como roupas, alimentos, livros, televisão etc.
- **Bens imateriais ou serviços:** consideramos aqui tudo que é intangível. Por exemplo, serviço de um médico, consultoria de um economista ou serviço de um advogado, que acabam no mesmo momento de produção e não podem ser estocados.

Os bens materiais classificam-se em:

- **Bens de consumo:** são aqueles usados diretamente para a satisfação das necessidades humanas. Estes bens podem ser:  de consumo durável, tais como: carros, móveis, eletrodomésticos; e de consumo não durável, como, por exemplo, gasolina, alimentos, cigarro.



- **Bens de capital:** são todos os bens utilizados no processo produtivo, ou seja, bens de capital, que permitem produzir outros bens. Por exemplo: equipamentos, computadores, edifícios, instalações etc.

Tanto os bens de consumo quanto os bens de capital são classificados como:

- **Bens finais:** são bens acabados, pois já passaram por todas as etapas de transformação possíveis.
- **Bens intermediários:** consistem nos bens que ainda estão inacabados, que precisam ser transformados para atingir a sua finalidade principal. Por exemplo: aço, vidro e borracha usados na produção de carros.

Os bens podem ser classificados, ainda, em:

- **Bens públicos:** são bens não exclusivos e não disputáveis. Referem-se ao conjunto de bens fornecidos pelo setor público, tais como: transporte, segurança e justiça.
- **Bens privados:** são bens exclusivos e disputáveis. São produzidos e possuídos privadamente, como, por exemplo: televisão, carro, computador etc.



Podemos dizer então que bem é tudo o que tem utilidade para satisfazer uma necessidade ou suprir uma carência, enquanto o serviço implica numa atividade intangível que proporciona um benefício sem resultar na posse de algo.

## AGENTES ECONÔMICOS

Os agentes econômicos são pessoas de natureza física ou jurídica que, através de suas ações, contribuem para o funcionamento do sistema econômico, tanto capitalista quanto socialista. Podem ser:

- **Empresas:** agentes encarregados de produzir e comercializar bens e serviços, ligados por sistemas de informação e influenciados por um ambiente externo. A produção se dá pela combinação dos fatores produtivos adquiridos junto às famílias. As decisões da empresa são todas guiadas para o objetivo de conseguir o máximo de lucro e mais investimentos;
- **Família:** inclui todos os indivíduos e unidades familiares da economia e que, no papel de consumidores, adquirem os mais diversos tipos de bens e serviços, objetivando o atendimento de suas necessidades. Por outro lado, são as famílias os proprietários dos recursos produtivos e que fornecem às empresas os diversos fatores de produção, tais como: trabalho, terra, capital e capacidade empresarial. Recebem em troca, como pagamento, salários, aluguéis, juros e lucros, e é com essa renda que compram os bens e serviços produzidos pelas empresas. O que sempre as famílias buscam é a maximização da satisfação de suas necessidades;



- **Governo:** inclui todas as organizações que, direta ou indiretamente, estão sob o controle do Estado, nas suas esferas federais, estaduais ou municipais. Vez por outra, o governo atua no sistema econômico, produzindo bens e serviços, através, por exemplo, da Petrobrás, das Empresas de Correios etc.

Portanto, tanto as empresas quanto as famílias e os governos se interagem o tempo todo, dando o toque econômico, de onde resultam as mais diversas explicações.

*Saiba mais:*

Conceitos de Economia. Sobre o assunto leia mais detalhes na obra Histórias do pensamento econômico – de Stanley L. Brue.



## O OBJETIVO DA ANÁLISE ECONÔMICA

*Nesta Unidade você vai conhecer como funciona o sistema econômico, seus principais indicadores, como é feita a mensuração das atividades econômicas e, ainda, os aspectos fundamentais da Microeconomia e da Macroeconomia. É importante que, depois de ler esta Unidade, você entenda como funcionam o sistema econômico e uma economia de mercado centralizada. Assim, poderá distinguir as diferenças existentes entre as estruturas de mercado, entender a importância do conceito Produto Interno Bruto e, por fim, conhecer o Índice de Desenvolvimento Humano.*

Comumente nós falamos e pensamos em economia com frequência. A economia consiste em milhões de pessoas envolvidas em várias atividades como comprar, vender, trabalhar, contratar, fabricar, produzir, distribuir, alocar etc.

Diariamente, milhões de pessoas participam de milhares de trocas em todos os lugares. Se ocorrem milhares de trocas, é sinal de que milhões de pessoas em algum lugar estão produzindo para milhões de pessoas. O objetivo da análise econômica é explicar o que faz com que a economia



mundial e suas diversas partes funcionem do jeito que o fazem.

Veja que, quanto mais aprendemos e analisamos a respeito das relações e do comportamento econômico moderno, maior capacidade temos de direcionar nossas energias para a produção de bens e serviços que venham a proporcionar maior nível de satisfação para toda a sociedade.

Segundo Thompson e Formby (1998), o desafio analítico da economia é enorme e complexo, tendo-se em vista o conjunto de relações e interações que a cada minuto são feitas pelo mundo:

Considere que nos diversos países do mundo as pessoas estão tomando bilhões de decisões entre gastar seu dinheiro com as diferentes coisas de que necessitam e as que desejam. Em toda parte, empresas de todos os tipos e portes estão decidindo a respeito de quanto e quais bens e serviços produzir e que tecnologias e recursos utilizar para ofertá-los. Todos os tipos de agências governamentais e instituições sem fins lucrativos estão coletando impostos e solicitando doações para fornecer bens e serviços ao público e a grupos especiais como os pobres, os idosos e os desempregados (THOMPSON, JR.; FORMBY, 1998, p. 1).

É bom lembrarmos que o grande desafio da análise econômica é dar um sentido, uma lógica a todas essas decisões e, por conseguinte, propiciar o entendimento das consequências no conjunto da economia. A abordagem comumente utilizada pelos analistas para dar sentido a todo esse conjunto de comportamento econômico diário envolve alguns procedimentos como:



- Tentar descobrir por que os eventos econômicos ocorrem de uma determinada forma;
- Analisar fatos econômicos confiáveis para tentar estabelecer relações de causa e efeito mais ou menos plausíveis;
- Apresentar teorias econômicas formais; e
- Construir MODELOS ECONÔMICOS.

Sendo assim, para melhor entendermos e analisarmos o mundo econômico contamos com economistas que buscam simplificar esse mundo real complexo através do uso de modelos. Os economistas empregam modelos (simplificação da realidade) para descrever as relações econômicas. Para isso ocorrer com seriedade, os estudiosos fazem uso do MÉTODO CIENTÍFICO, apresentando suas teorias e seus modelos. Os métodos representam exatamente um caminho que se deve percorrer quando se busca o conhecimento, embora ele, por si só, não garanta que se alcance a verdade. Logo, podemos dizer que o método serve para que o conhecimento seja alcançado já que o conhecimento requer esforço para ser alcançado.

*Enquanto você está lendo este livro, deve estar pensando: “afinal, o que é esse tal de sistema econômico? Como isso funciona?”*

Conforme chamam a atenção os professores Hall e Lieberman (2003),



neste momento, aparentemente íntimo, você está acoplado ao mundo real por caminhos nunca antes imaginados. Por exemplo, para que você possa ler este material, primeiramente foi preciso que os autores escrevessem. Na sequência foi necessário sua motivação e empenho para lê-lo. Outro fator acoplado neste cenário diz respeito à equipe envolvida no processo, tais como o pessoal da adaptação de linguagem, o revisor de português, o diagramador, a comissão editorial, o pessoal da gráfica, da embalagem e a turma da distribuição.

Observe que são diversas pessoas participantes do processo de criação e distribuição deste livro. Além das pessoas envolvidas, tivemos também incorporado ao processo de produção deste material uma quantidade de papel e tinta, caixas, computadores, impressoras, transporte, combustível etc. Note que estamos falando de um conjunto de pessoas e materiais que estiveram envolvidos na produção do material que está agora em suas mãos, propiciando a você conhecer melhor como funciona o SISTEMA ECONÔMICO.

Nesse mesmo caminho, observe a cadeira ou banco no qual você está sentado, agora, observe o espaço físico que você se encontra. Veja que, apesar desse isolamento momentâneo em que você se encontra, ao estar folheando este material, você está economicamente ligado a milhares de pessoas por centenas de caminhos que se comunicam através da produção e da distribuição dos produtos e serviços aqui consumidos por você.

*As perguntas que lhe fazemos neste momento são: por que tantos bens e serviços que ora consumimos são produzidos por outras pessoas? Por que somos tão dependentes uns dos outros no que se refere ao bem-estar material? Por que não vivemos como Robinson Crusóé?*



As respostas a todas essas indagações dizem respeito ao sistema econômico. Na maioria das vezes, nos apropriamos de coisas que o sistema econômico nos oferece, mas não damos a menor importância sobre como essas coisas chegaram até nós.

Vamos falar do filme para contextualizar o questionamento anterior: o filme de Robinson Crusoe (Las Aventuras de Robinson Crusoe, México/EUA, 1952), com a direção de Luis Buñuel, observeu que enredo se passa em 1659, quando o naufrago inglês Robinson Crusoe vai parar numa ilha tropical aparentemente deserta, na qual luta sozinho para prover sua subsistência até encontrar o nativo a quem batiza de Sexta-Feira. O filme mostra uma realidade onde nossas necessidades materiais podem ser todas produzidas por nós mesmos.

Para pensarmos um pouco mais sobre esse tema, é chegada a hora de aprendermos como a economia serve a bilhões de pessoas, permitindo que sobrevivam e prosperem, apesar dos contratempos da vida atual, que penalizam milhares de pessoas. Não se esqueça que tudo isso se refere ao sistema econômico, sua forma de organizar, produzir e distribuir seus bens e serviços a todos os cidadãos.

## EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS ECONÔMICOS

A evolução dos sistemas econômicos, nesses últimos dez mil anos, foi marcada por duas características norteadoras de todo o processo:

- Especialização: sistema de produção segundo o qual cada indivíduo se concentra em um número limitado de atividades; e



- Troca: dar uma coisa por outra, substituir uma coisa por outra, permutar.

Através da especialização e da troca, as nações puderam dispor de maior produção, e os padrões de vida foram se elevando. Diante disso, todas as nações passaram a aumentar o grau de especializações e de trocas.

As razões pelas quais a especialização e a troca permitem o crescimento da produção podem ser observadas pela capacidade humana de aprender durante a vida. Isto significa que o ser humano possui a capacidade de aprender a fazer coisas durante a vida. Diante disso, a especialização torna-o mais hábil para fazer algumas poucas coisas, em vez de ser amador em várias. Uma outra razão que se justifica é pelo tempo necessário para mudar de uma atividade para outra. Segundo Hall e Liberman (2003, p. 34), “[...] quando as pessoas se especializam e, com isso, passam mais tempo realizando uma só tarefa, há menos perda de tempo decorrente da transição entre as tarefas”. Percebe-se, com isso, uma alteração nos níveis de produtividade dessa economia, levando-a a um crescimento do nível de produção.

Uma forma simples de entendermos e visualizarmos como se organiza a economia, como seus participantes interagem uns com os outros, como os compradores e consumidores se relacionam entre si e com o governo e, ainda, como a economia interna se relaciona com o setor externo, se expressa através do diagrama do fluxo circular ampliado. Veja a Figura 1.



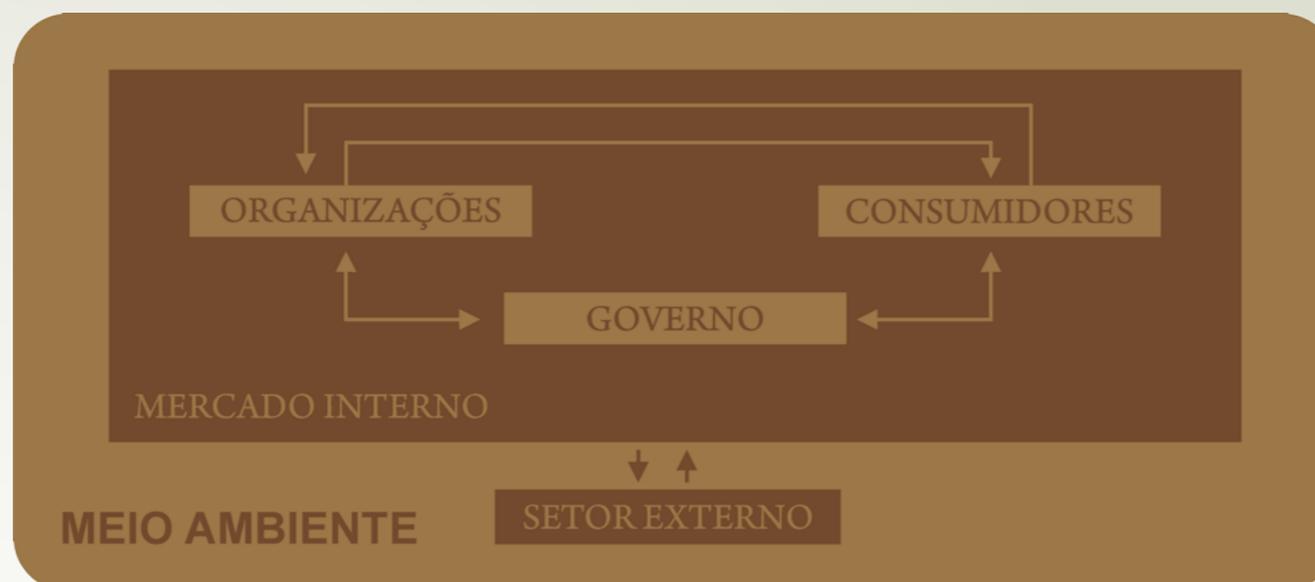


FIGURA 1: Diagrama do fluxo circular - fonte: elaborado pelos autores

Podemos observar que o diagrama do fluxo circular evidencia visualmente as relações econômicas instituídas e facilita o entendimento no que diz respeito ao funcionamento da economia, utilizando as seguintes categorias: produtores (organizações), consumidores (famílias), governo e setor externo.

Verificamos no diagrama do fluxo circular a existência de relações entre os diversos agentes que compõem o mercado interno e também a relação desse mercado com o setor externo. Com a presença de pessoas, empresas (grandes, médias, pequenas, formais e informais) e governos (municipal, estadual e federal), as relações estabelecidas dão sustentação ao mercado. Isto acontece em quase todos os lugares, e uma relação direta e indireta com o meio ambiente acaba sendo processada.

*Para pensarmos em produção de bens e serviços precisamos considerar como elemento básico da análise a questão ambiental.*



Diante do exposto, podemos dizer que a atual discussão sobre o tema MEIO AMBIENTE e desenvolvimento econômico reflete a relação contrária que se manifesta, por um lado, diante do modelo de desenvolvimento adotado e os impactos provocados ao meio ambiente e, por outro lado, o que esses impactos ambientais podem provocar no modelo de desenvolvimento.

*Você sabia que, no sistema econômico, tudo pode e deve ser avaliado monetariamente, de modo que toda a produção de bens e serviços que uma economia produz pode ser transformada em valor, medido pelo dinheiro ou pela moeda? Mas como mensurar as atividades econômicas?*

Mensurar significa quantificar essas relações. Logo quando as atividades econômicas de um país são mensuradas, a sociedade passa a ter mais clareza do seu processo de desenvolvimento econômico. Acompanhe como se desenvolvem o Fluxo Real e o Fluxo Monetário da economia, ilustrados nas Figuras 2 e 3, respectivamente.



Figura 2: Fluxo real da economia; fonte: elaborada pelos autores



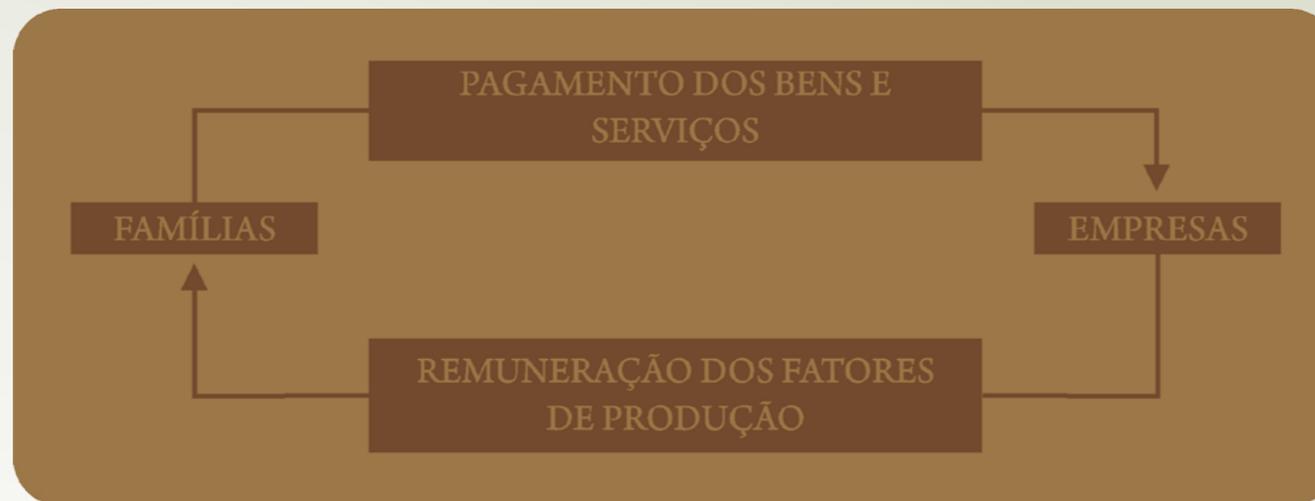


Figura 3: Fluxo monetário da economia; fonte: elaborada pelos autores.

De acordo com as figuras, note que enquanto o Fluxo Real procura evidenciar as relações de demanda e oferta existentes no mercado de bens e serviços, o Fluxo Monetário deixa claro a relação de pagamentos efetuados no mercado de bens e serviços, e a remuneração dos fatores de produção.

Assim podemos afirmar que o sistema econômico é o conjunto de relações técnicas, básicas e institucionais que caracterizam a organização econômica de uma sociedade. Independentemente do seu tipo, todo sistema econômico deve, de algum modo, desempenhar três funções básicas – básicas em Economia, determinando:

- O que produzir e em que quantidade: precisamos definir entre as possibilidades, o que e qual a quantidade a ser produzida, de modo a satisfazer o mais adequadamente a sociedade;
- Como produzir tais bens e serviços: devemos definir quem vai ser



o responsável pela produção, qual a tecnologia a ser empregada, qual o tipo de organização da produção etc.; e

- Para quem produzir, ou seja, quem será o consumidor: devemos definir o público-alvo e as maneiras através das quais o produto deverá atingi-lo.

*Mas como as sociedades resolvem os seus problemas econômicos fundamentais: o que e quanto, como e para quem produzir?*

A resposta depende da forma de organização econômica. Cada relação entre esses agentes caracteriza um mercado em particular. No campo da MICROECONOMIA, podemos analisar o mercado de petróleo, de soja, de mão de obra para o setor financeiro etc., enquanto, no campo da MACROECONOMIA, podemos destacar o funcionamento do mercado de bens e serviços, mercado de trabalho como um todo, mercado financeiro e mercado cambial.

Note que, no mundo de hoje, entender de economia e compreender como funcionam os mercados, em suas reais dimensões, problemas e implicações em termos de bem-estar social, econômico e político, nos auxilia bastante nas tomadas de decisões. O mercado possibilita enxergar outras variáveis (outras relações) que não se encontram apenas no campo da economia.

Existem duas formas principais de organização econômica:



- Economia de mercado (ou descentralizada, tipo capitalista); e
- Economia planificada (ou centralizada, tipo socialista).

Os países organizam-se dessas duas formas ou possuem algum sistema intermediário entre elas.

Outra questão importante, que surge na esfera do estudo econômico, diz respeito às distinções entre as preocupações macro e microeconômicas. Contudo, vale salientar que, embora, aparentemente díspares, ambas tratam do mesmo objeto: o sistema econômico.

Como já vimos, a Microeconomia trata do comportamento das unidades econômicas, enquanto a Macroeconomia aborda o conjunto da economia. Para tanto, sempre são feitas abstrações.

## **FUNCIONAMENTO DE UMA ECONOMIA DE MERCADO**

Podemos dizer que as economias de mercado podem ser analisadas por dois sistemas:

- Sistema de concorrência pura (sem interferência do governo); e
- Sistema de economia mista (com interferência governamental).

Num sistema de concorrência pura ou perfeitamente competitivo, predomina o LAISSEZ-FAIRE. Neste tipo de organização milhares de produtores e milhões de consumidores têm condições de resolver os



problemas econômicos fundamentais (o que e quanto, como e para quem produzir), como que guiados por uma “mão invisível”. Isso sem a necessidade de intervenção do Estado na atividade econômica.

No contexto discutido, podemos dizer que é a base da filosofia do liberalismo econômico, que advoga a soberania do mercado, sem a intervenção do Estado. Nesse modelo, o Estado deve responsabilizar-se mais com questões como justiça, paz, segurança, relações diplomáticas e deixar o mercado resolver as questões econômicas fundamentais.

Contudo, diante deste sistema econômico, temos algumas críticas. As mais frequentes são:

- grande simplificação da realidade; e
- preços nem sempre livres, ao sabor do mercado, em virtude de fatores como:
- força dos sindicatos;
- poder dos monopólios e oligopólios;
- intervenções do governo via: impostos, subsídios, tarifas e preços públicos (água, energia, etc.); política salarial; congelamentos e tabelamentos de preços; e política cambial.

O mercado sozinho não promove perfeita alocação de recursos. Em países mais pobres, que querem se desenvolver, o Estado precisa prover a infraestrutura básica, como estradas, telefonia, siderurgia, portos, usinas



hidroelétricas, o que exige altos investimentos, com retornos apenas em longo prazo, afastando o setor privado.

Por pelo menos cem anos, do final do século XVIII, com a REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, ao final do século XIX, predominava um sistema de mercado muito próximo da concorrência pura. No século XX, quando se tornou mais presente a força dos sindicatos e dos monopólios e oligopólios, associada a outros fatores, como aumento da especulação financeira e desenvolvimento do comércio internacional, a economia tornou-se mais complexa.

Diante dessa realidade podemos afirmar que a atuação do governo justifica-se com o objetivo de eliminar as chamadas distorções alocativas (isto é, na alocação de recursos) e distributivas, e promover a melhoria do padrão de vida da coletividade. Isso pode se dar das seguintes formas:

- mercado sozinho não promove perfeita distribuição de renda, pois as empresas estão preocupadas em maximizar seu lucro, e não com questões distributivas;
- atuação sobre a formação de preços, via impostos, subsídios, tabelamentos e fixação de salário mínimo;
- fornecimento de serviços públicos; e
- complemento da iniciativa privada etc.

Temos ainda o sistema de economia centralizada, onde a forma de resolver os problemas econômicos fundamentais é decidida por uma Agência ou Órgão Central de Planejamento, e não pelo mercado.



Os preços são determinados pelo governo, que, normalmente, subsidia fortemente os bens essenciais e taxa os bens considerados supérfluos. Com relação ao lucro, uma parte vai para o governo, outra parte é usada para investimentos nas empresas, dentro das metas estabelecidas pelo próprio governo, e a terceira parte é dividida entre os administradores e os trabalhadores, como prêmio pela eficiência. Se o governo considera que determinada indústria é vital para o país, esse setor será subsidiado, mesmo que apresente ineficiência na produção ou nos prejuízos.

## MERCADO

Todos os dias, você ouve ou lê algo que trata do mercado. Basta abrir os jornais, assistir à televisão ou visitar as ruas de sua cidade. Portanto, não é nada tão distante do seu dia a dia, pelo contrário, é algo que faz parte do seu cotidiano, de sua vida. Pindyck e Rubinfeld (2006) dividem as unidades econômicas em dois grandes grupos, de acordo com sua função: o de compradores e o de vendedores.

Os compradores abrangem os consumidores, aqueles que adquirem bens e serviços, e as empresas que adquirem mão de obra, capital e matérias-primas que utilizam para produzir bens e serviços. Já no que se refere os vendedores, podemos listar as empresas que vendem bens e serviços, além dos trabalhadores que vendem seus serviços e os proprietários de recursos que arrendam terras e comercializam recursos minerais.

*Mas qual relação destes termos com o termo mercado?*



A relação é direta, uma vez que o mercado consiste num grupo de compradores (lado da procura) e um de vendedores (lado da oferta) de bens, serviços ou recursos, que estabelecem contato e realizam transações entre si. Ou seja, a interação de compradores e vendedores dá origem aos mercados.

O lado dos compradores é constituído tanto de consumidores, que são compradores de bens e serviços, quanto de empresas, que são compradoras de recursos (trabalho, terra, capital e capacidade empresarial) utilizados na produção de bens e serviços; enquanto o lado dos vendedores é constituído pelas empresas, que vendem bens e serviços aos consumidores, e pelos proprietários de recursos (trabalho, terra, capital e capacidade empresarial), que os vendem (ou arrendam) para as empresas em troca de remuneração (salários, aluguéis e lucros).

*Nas economias modernas, a maioria das decisões sobre o que e quanto produzir, como produzir e para quem produzir são tomadas nos mercados. Logo, para determinarmos os compradores e vendedores que estão participando do mercado, devemos incorporar a ideia do que seja a extensão do mercado.*

Por extensão de mercado, devemos entender os seus limites, tanto geográficos quanto em termos da variedade de produtos que nele são oferecidos. Porém, percebemos que, em algumas situações, o mercado falha nessa tomada de decisões. Quando isso ocorre, é preciso que o Estado intervenha no sentido de ajustar o processo. Assim, podemos afirmar que o mercado é, ao mesmo tempo, o meio mais simples e o mais complexo de ALOCAÇÃO DE RECURSOS.



*Mas você pode estar se perguntando: Que história é essa de meio mais simples e mais complexo de alocação de recursos? O que significa isso?*

Isso significa que, mesmo em situações de livre mercado, há ocasiões em que o mercado não é capaz de fazer de maneira EFICIENTE o processo de alocação e distribuição dos recursos. Em função desta constatação, mercados não funcionam a contento, contamos com a regulação a fim de proporcionar a eficiência econômica.

*Você já ouviu falar das agências reguladoras no Brasil?*

Essas agências de regulação surgem em função da existência de falhas do mercado. Assim, ao ouvirmos falar em regulação, podemos imaginar formas de contornar essas falhas à luz do modo de produção capitalista, enquanto a desregulamentação significa deixar o mercado solto das amarras da regulação, pois, nestes casos, o mercado é mais eficiente. Por exemplo, temos a Agência Nacional de Energia Elétrica e a Agência Nacional de Telecomunicações, entre outras.

Muitas pessoas pensam que os significados dos termos oferta e demanda são sinônimos na Ciência Econômica. Quando debatem temas como saúde, transportes, pobreza, moradia etc., costumam afirmar que tudo isso se refere apenas à questão de oferta e demanda. Outros, menos informados, costumam ainda usar e abusar dessa afirmação, tornando a oferta e a demanda uma espécie de lei inviolável sobre a qual nada pode ser feito e a partir da qual tudo pode ser explicado.



*Tanto a oferta quanto a demanda fazem parte de um modelo econômico criado para explicar como os preços são determinados em um sistema de mercado. Observe que os preços determinam quais famílias ou regiões serão beneficiadas com determinados produtos e serviços, e quais empresas receberão determinados recursos.*

Em se tratando de Microeconomia, os economistas recorrem ao conceito de demanda para descrever a quantidade de um bem ou serviço que uma família ou empresa decide comprar a um dado preço. Então, a quantidade demandada de um bem ou serviço refere-se à quantidade desse bem ou serviço que os compradores desejam e podem comprar. Observe, também, que várias questões podem afetar os consumidores na hora da compra, tais como renda, gosto, preço etc.

A Teoria da Demanda deriva de algumas hipóteses sobre a escolha do consumidor entre diversos bens e serviços que um determinado orçamento doméstico permite adquirir. Essa teoria procura explicar o processo de escolha do consumidor diante das diversas possibilidades existentes. Devido à certa limitação orçamentária, o consumidor procura distribuir a renda disponível entre os diversos bens e serviços, de maneira a alcançar a melhor combinação possível que possa lhe trazer o maior nível de satisfação. A demanda não representa a compra efetiva, mas a intenção de comprar por determinado preço.

Ao analisarmos como funcionam os mercados, percebemos que o preço de um bem ou serviço exerce papel central. Na prática, a quantidade demandada de um bem ou serviço diminui quando o preço aumenta, e aumenta quando o preço diminui. Logo, a quantidade demandada é negativamente relacionada ao preço, como pode ser observado na Figura 4:



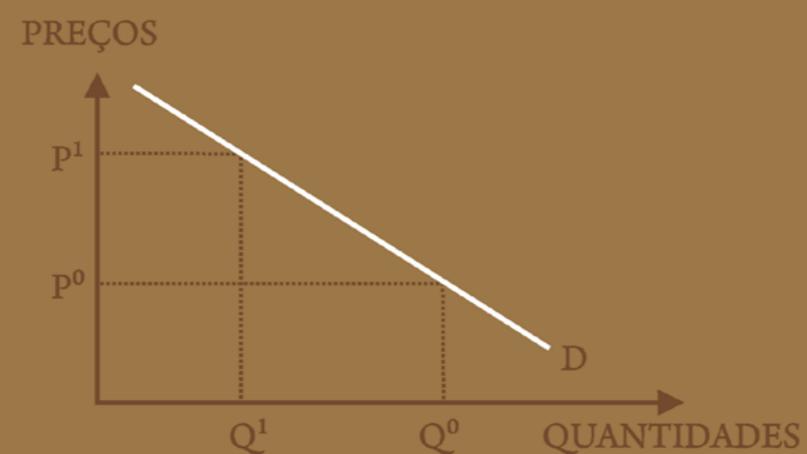


Figura 4: Curva de demanda; Fonte: Elaborada pelos autores

Veja a seguir as variáveis que podem deslocar esta curva da demanda:

- riqueza (e sua distribuição);
- renda (e sua distribuição);
- fatores climáticos e sazonais;
- propaganda;
- hábitos;
- gostos e preferências dos consumidores;



- expectativas sobre o futuro; e
- facilidades de crédito (disponibilidade, taxa de juros e prazos).

Agora que você já sabe que a curva da demanda pode sofrer alteração, observe a Figura 5 para verificar como funciona este deslocamento.

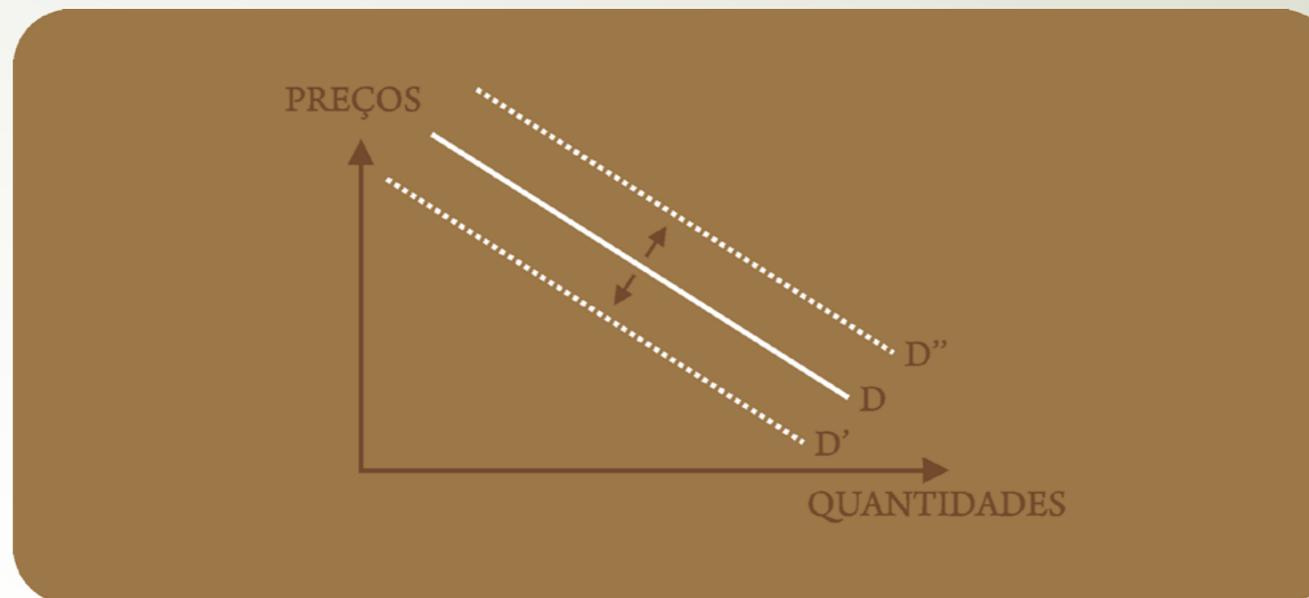


Figura 5: Variações da curva da demanda; Fonte: elaborada pelos autores.

A Teoria da Oferta muda o foco da análise, pois o vendedor vai ao mercado com a meta de obter o maior lucro possível. Neste cenário o vendedor (uma empresa) pode se deparar com uma restrição importante: a produção de bens e serviços requer a utilização de recursos produtivos, e essa quantidade depende do padrão tecnológico utilizado pela firma.

Observe que a tecnologia de produção nos diz o que a empresa pode fazer. Portanto, o padrão tecnológico acaba se tornando um fator restritivo



para a empresa poder produzir, além dos preços dos outros FATORES DE PRODUÇÃO e do próprio preço praticado no mercado.

Assim, podemos definir oferta como sendo a quantidade de um bem ou serviço que os produtores (vendedores) desejam produzir (vender) por unidade de tempo. Observamos que a oferta é um desejo, uma aspiração. Logo, a quantidade ofertada de um bem ou serviço refere-se à quantidade que os vendedores querem e podem vender. Dessa maneira, existe uma associação de comportamento dos preços com o nível de quantidade ofertada, ou seja, a quantidade ofertada aumenta à medida que o preço aumenta e reduz quando o preço se reduz. Logo, a quantidade ofertada está positivamente relacionada com o preço do bem e serviço, como podemos verificar na Figura 6:

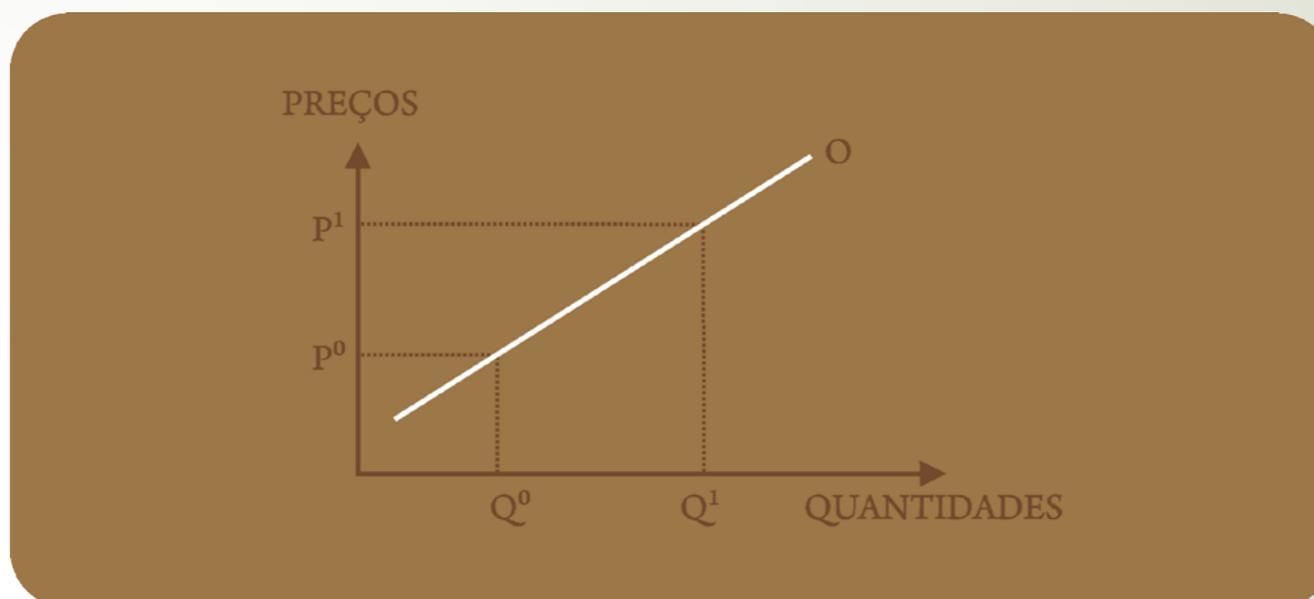


Figura 6: Curva de oferta; fonte: elaborada pelos autores.



Conheça agora as variáveis que podem deslocar a curva da oferta como um todo:

- disponibilidade de insumo;
- tecnologia;
- expectativa; e
- número de vendedores.

Veja na Figura 7 este deslocamento que estamos nos referindo.

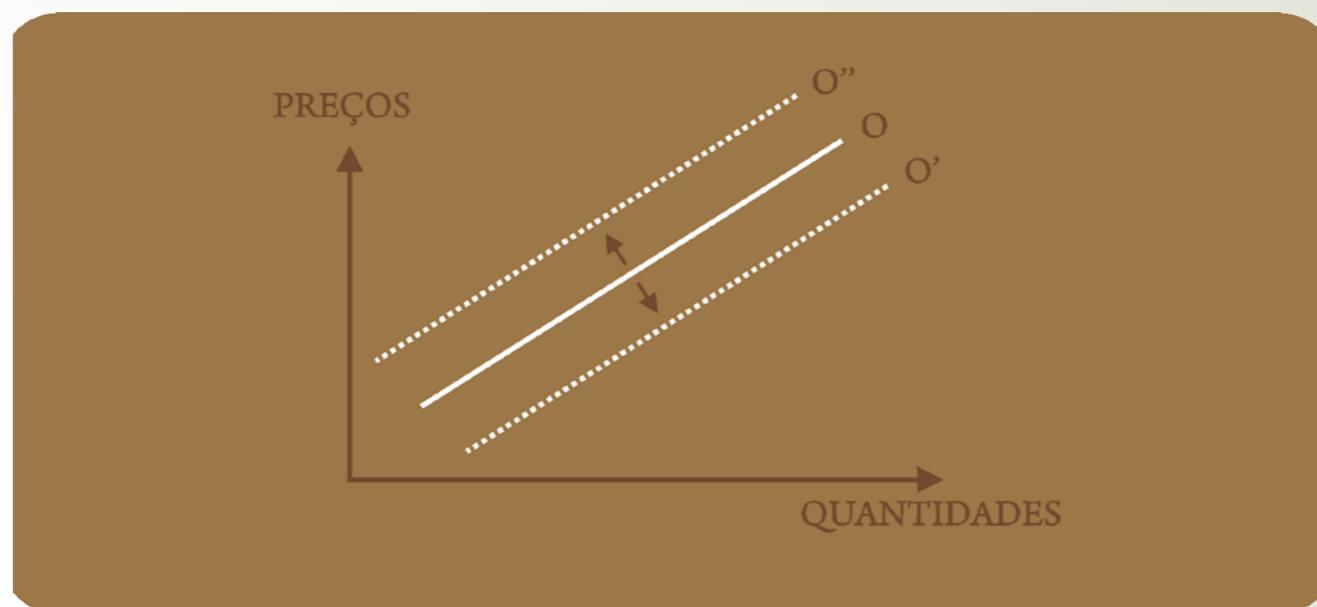
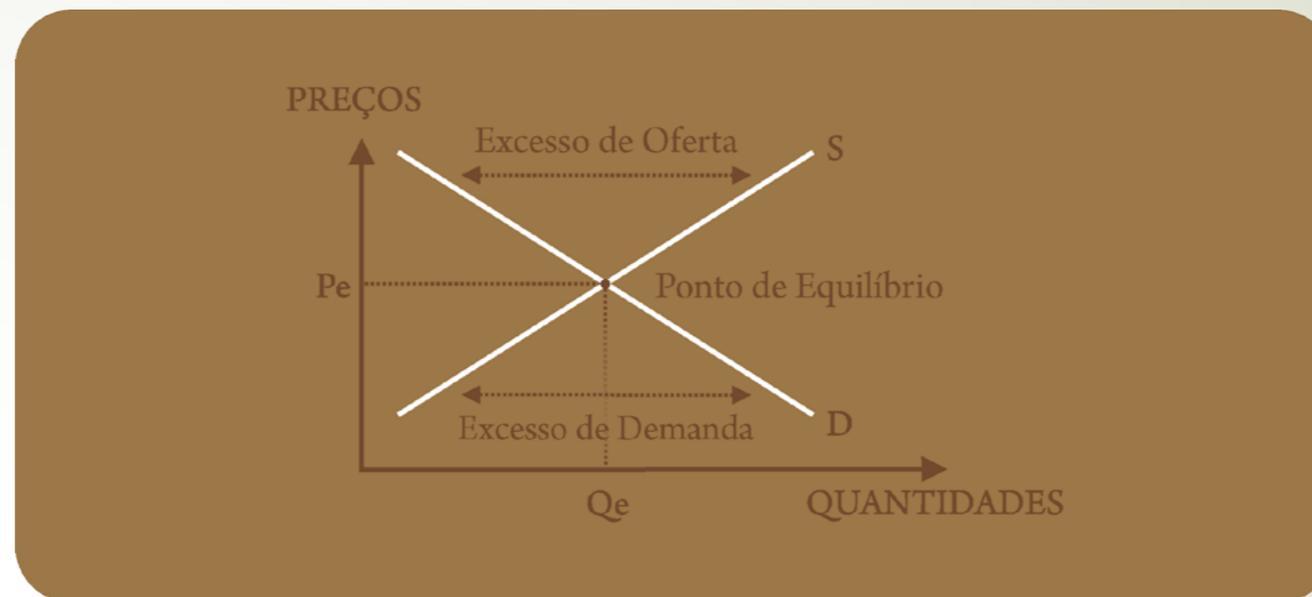


Figura 7: variações da curva de oferta; fonte: elaborada pelos autores.



*Agora você já conhece as mais diferentes condutas dos consumidores (demanda) e dos produtores (oferta) em separado. Vamos combiná-las para, numa interpretação conjunta, identificarmos como se determinam a quantidade e o preço de equilíbrio de um bem ou serviço vendido no mercado?*

Esta intersecção das curvas de oferta e de demanda identifica o ponto em que tanto os consumidores quanto os produtores se encontram satisfeitos e dispostos a agir. É nesse ponto que temos o equilíbrio de mercado, veja na Figura 8.



*Figura 8: equilíbrio entre oferta e demanda; fonte: elaborada pelos autores.*

Com base na Figura 8, podemos perceber que em qualquer situação fora do ponto de equilíbrio temos um desequilíbrio. Caso a oferta seja superior à demanda, há excesso de oferta, e caso a demanda seja maior que a oferta, há excesso de demanda. Note que o processo de ajuste



ocorre sempre via preços, ou seja, a quantidade ofertada ou demandada é a variável dependente, e os preços, a variável independente.

No contexto discutido, temos uma afirmação-chave: preço e quantidade de equilíbrio dependem da posição das curvas de oferta e demanda. Quando, por algum motivo, uma dessas curvas se desloca, o equilíbrio do mercado muda. Na Teoria Econômica, essa análise é conhecida como estática comparativa, porque envolve a comparação de duas situações estáveis – um equilíbrio inicial e um novo equilíbrio.

*Para uma melhor compreensão dessa sistemática sobre a conduta dos consumidores e produtores, vamos ver agora o conceito de elasticidade. Você sabia que esse conceito é fundamental para analisarmos o mundo em que vivemos?*

Muito bem, a ELASTICIDADE nada mais representa do que uma medida da resposta dos compradores e vendedores às mudanças no preço e na renda.

Aprendemos que o preço do bem se ajusta para conduzir a quantidade ofertada e demandada ao equilíbrio. Então, dessa forma, precisamos ficar atentos para perceber não só a mudança dos preços, mas o quanto eles podem oscilar.

A elasticidade–preço da demanda mede o quanto a demanda reage a uma mudança no preço. A demanda por um bem é considerada elástica se a quantidade demandada responder muito a uma dada variação no preço. Isto significa dizermos que a demanda é muito sensível à mudança de preço. Caso essa resposta seja pequena, a demanda por esse bem é considerada inelástica, ou seja, a demanda é insensível à mudança de preço.



*Você pode estar se perguntando: Como vou saber se a demanda é sensível ou insensível à mudança de preço?*

É simples! Basta dividir a variação percentual da quantidade demandada pela variação percentual do preço. No resultado encontrado, o coeficiente de elasticidade é um número puro, independente de qualquer identificação com a unidade na qual as variáveis foram expressas. O coeficiente da elasticidade-preço da demanda é sempre negativo, uma vez que o preço e a quantidade demandada são inversamente relacionados. Algebricamente a elasticidade pode ser representada como:

$$\varepsilon = \frac{\Delta\%Q}{\Delta\%P}$$

$\Delta\%Q$  = variação das quantidades demandadas

$\Delta\%P$  = variação dos preços

Conheça agora alguns exemplos de demandas elásticas ou inelásticas.

- bens com alta elasticidade da demanda (elástica) incluem refeições em restaurantes, veículos automotores, viagem aérea, carne bovina, refrigerante, turismo, manteiga etc.; e
- bens com baixa elasticidade da demanda (inelástica): aqui temos a insulina, sal, gasolina, petróleo, ovos, leite etc.



Outro ponto a ser destacado é que o aumento na renda do consumidor, normalmente, aumenta a demanda por um bem. Logo, mantendo o preço constante, podemos avaliar a variação na quantidade demandada para uma dada variação na renda. A sensibilidade da quantidade demandada a uma variação na renda do consumidor é chamada de elasticidade-renda da demanda. Se a elasticidade-renda for maior do que zero, o BEM É NORMAL, e se for menor do que zero, o BEM É INFERIOR. A elasticidade-renda varia muito de bem para bem e esta variação pode ser expressa algebricamente como sendo:

$$\epsilon = \frac{\Delta\%Q}{\Delta\%R}$$

$\Delta\%R$  = variação na renda do consumidor  
 $\Delta\%Q$  = variação na quantidade demandada

Vejamos aqui alguns exemplos de elasticidade-renda maior que zero (bem normal) e menor que zero (bem inferior):

- os bens normais têm elasticidade-renda da demanda positiva. Por exemplo, frutas frescas, computadores, viagens aéreas, lazer, carne de soja etc.; e
- os bens inferiores têm elasticidade-renda negativa. Por exemplo, passagem de ônibus, moradia, carne de segunda, pão, batatas etc.



De modo semelhante à elasticidade-preço-demanda e à elasticidade-renda, temos a elasticidade cruzada da demanda. A elasticidade cruzada da demanda nada mais é que uma medida utilizada para analisar a relação entre os diversos produtos. Entre dois produtos, a elasticidade cruzada da demanda mede a variação percentual na quantidade demandada do bem 1 em resposta a uma dada variação percentual no preço do bem 2.

*O coeficiente de elasticidade cruzada pode ser positivo ou negativo. Quando positivo, dizemos que os produtos são substitutos um do outro. Sendo negativo, dizemos que os produtos são complementares.*

Conheça alguns exemplos de bens substitutos e complementares de acordo com o Quadro 1.

<b>Bens substitutos</b>	O aumento de um produto não interfere na satisfação do consumidor, que imediatamente tem a possibilidade de substituí-lo por um outro. Exemplo: manteiga e margarina, cinema e locação de fitas de vídeo, carne de frango e carne de vaca, cerveja e refrigerantes.
<b>Bens complementares</b>	O aumento no preço de um deles ocasiona uma redução na quantidade demandada do outro. Exemplo: gasolina e óleo para motor, camisa social e gravata, sapato e meia, pão e margarina, computador e software.

Quadro 1: exemplos de bens substitutos e complementares; elaborado pelos autores.



Veja bem: esta abordagem da elasticidade também poder ser utilizada no lado da oferta. A elasticidade-preço da oferta mede o quanto a quantidade ofertada responde à mudança de preço.

A oferta de um bem é chamada de elástica se a quantidade ofertada responde bem a mudanças no preço. Quando essa resposta na quantidade ofertada é pequena às mudanças de preço, dizemos que a oferta é inelástica. Diante disso, podemos afirmar que a elasticidade-preço da oferta depende da flexibilidade que os vendedores (produtores) têm para mudar a quantidade do bem que produzem.

Ao contrário da elasticidade da demanda, a elasticidade-preço da oferta é positiva. Isso ocorre, porque as variações de preço e quantidade se dão no mesmo sentido.

*Você se lembra do professor de Matemática falando de funções crescentes?*

Podemos calcular a elasticidade da oferta dividindo a variação percentual na quantidade ofertada pela variação percentual no preço. Logo, a relação entre o preço de um produto e o volume de vendas é muito importante para as empresas. Isto ocorre porque toda a relação descrita serve de base para a formação da política de preços, estratégia de vendas, atendimento dos objetivos de lucro e participação no mercado. Assim, entender como se comporta a elasticidade torna-se muito importante para o administrador público contemporâneo.



## ESTRUTURA DE MERCADO

Na estrutura de mercado clássica, podemos distinguir dois casos extremos:

- Monopólio: quando uma empresa é a única provedora do produto.
- Concorrência perfeita: quando a dimensão de cada empresa é insignificante em relação às demais empresas.

O termo “concorrência” tem sentido múltiplo. Em economia, acompanhado da palavra “pura”, significa justamente a inexistência de competição, no seu sentido parcial. Em outras palavras, em um mercado no qual vigora a concorrência pura, os competidores não têm rivalidade entre si. Diante desta realidade temos como condições básicas para a existência de concorrência pura:

- A homogeneidade do produto: implica que todos os vendedores de um dado produto vendam unidades homogêneas deste, e os compradores também considerem o produto homogêneo;
- A insignificância de cada comprador ou vendedor diante do mercado: cada comprador e/ ou vendedor precisa ser pequeno o suficiente para não ser capaz de influenciar, sozinho, o preço de mercado;



- A ausência de restrições artificiais: é preciso que os preços sejam livres para oscilar de acordo com as exigências de mercado;
- A mobilidade: é necessário que haja mobilidade de bens, serviços e recursos. Novas firmas devem poder entrar sem dificuldade nesse mercado, assim como não deve existir impedimento à saída; e
- O pleno conhecimento (atributo da palavra “perfeita”): a concorrência perfeita incorpora o pleno conhecimento do sistema econômico e de todas as suas inter-relações por parte dos agentes partícipes desse mercado.

O MONOPÓLIO é uma situação de mercado em que uma única firma vende um produto que não tem substitutos próximos. Uma outra forma: monopólio é uma situação de mercado em que existe um só produtor de um bem (ou serviço) que não tem substitutos próximos. Devido a isso, o monopolista exerce grande influência na determinação do preço a ser cobrado pelo seu produto.

Segundo Vasconcellos (2004), o mercado monopolista se caracteriza por apresentar condições diametralmente opostas às da concorrência perfeita. Nele existem, de um lado, um único empresário (empresa) dominando inteiramente a oferta e, de outro, todos os consumidores. Não há, portanto, concorrência nem produto substituto ou concorrente. Nesse caso, os consumidores se submetem às condições impostas pelo vendedor ou simplesmente deixam de consumir o produto.



### *Mas como saber se o mercado é monopolista?*

Existem algumas teorias básicas do modelo monopolista. Veja algumas delas, a seguir:

- determinado produto é oferecido por uma única empresa;
- não tem substitutos próximos para esse produto; e
- existem obstáculos (barreiras) de novas firmas na indústria (nesse caso, a indústria é composta por uma única empresa).

As dificuldades para as empresas se estabelecerem no mercado, aqui entendidas como barreiras de acesso, podem ocorrer de várias formas. No caso de monopólio puro ou natural, devido à elevada escala de produção requerida, exige-se um grande montante de investimento. Podemos enquadrar nesta situação, por exemplo, refinarias de petróleo, siderurgia etc.

Uma outra forma de empecilho à instalação de novas empresas no mercado imperfeito se dá através das patentes, direito único para produzir um bem. Os laboratórios farmacêuticos, encarregados da fabricação de medicamentos, valem-se deste instrumento de patentes ou controle de matérias-primas-chave.

Finalmente, há o monopólio estatal ou institucional, protegido pela legislação, normalmente ocorria em setores estratégicos ou de infraestrutura. Até pouco tempo atrás, no nosso país, tínhamos como exemplo as centrais de energia elétrica, telecomunicações etc.



Uma outra estrutura bastante conhecida, nos dias de hoje, no campo da competição imperfeita é o OLIGOPÓLIO. Esse tipo de estrutura normalmente é caracterizada por um pequeno número de empresas que dominam a oferta de mercado. Pode-se caracterizá-la como um mercado em que há um pequeno número de empresas, como a indústria automobilística, ou, então, onde há um grande número de empresas, mas poucas dominam o mercado, como a indústria de bebidas.

O setor produtivo brasileiro é altamente oligopolizado, sendo possível encontrar inúmeros exemplos: montadoras de veículos, setor de cosméticos, indústria de papel, indústria de bebidas, indústria química, indústria farmacêutica etc. O oligopólio pode ser:

- Puro: quando os concorrentes oferecem exatamente os mesmos produtos homogêneos, iguais, substitutos entre si. Temos como exemplo, o cimento, da indústria de cimento; o alumínio, da indústria de alumínio; ou
- Diferenciado: quando o produto não é homogêneo. Por exemplo: indústria automobilística ou de cigarro. Ou seja, embora semelhantes entre si, esses produtos não são idênticos. Por exemplo, o Gol é diferente do Fiat Uno, etc.

O oligopólio apresenta como principal característica o fato de as firmas serem interdependentes. Isso decorre do pequeno número de firmas existentes na indústria, e significa que as firmas levam em consideração e reagem às decisões quanto a preço e produção de outras firmas.

No oligopólio, tanto as quantidades ofertadas quanto os preços são



fixados entre as empresas por meio de conluíus ou cartéis. O cartel é uma organização (formal ou informal) de produtores dentro de um setor que determina a política de preços para todas as empresas que a ele pertencem. Por exemplo: Cartel da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Este cartel estabelece o preço do petróleo no mercado mundial.

*Será que existe formação de cartel entre os distribuidores de álcool no Brasil? E entre os distribuidores de gasolina? Pense nisso!*

Além dos cartéis, existe um outro modelo de oligopólio, chamado de liderança de preço. Liderança de preço é a forma de conluio imperfeito em que as empresas do setor oligopolístico decidem, sem acordo formal, estabelecer o mesmo preço, aceitando a liderança de preço de uma empresa da indústria.

Esse modelo pressupõe que a liderança decorre do fato de que uma das firmas rivais possui estrutura de custos mais baixos que as demais. Por essa razão, impõe-se como líder do grupo.

Inicialmente, os preços podem ser diferenciados. Entretanto podemos observar que o mercado opta por produtos que estejam sendo oferecidos a preços mais baixos. Assim, restam às empresas que oferecerem o produto a preços mais elevados duas possibilidades: ou mantêm o preço e, como consequência, são banidas do mercado, ou, então, aceitam o preço praticado pela concorrência, que é mais baixo, e continuam no mercado, sem maximizar seus lucros.

Assim é que a firma líder de preço permanece no mercado, através de um acordo tácito (isto é, um acordo não formal), responsável pela determinação do nível de venda do produto, enquanto as firmas menos



favorecidas, em termos de preços, tornam-se seguidoras dos preços fixados pela firma líder.

Temos ainda outra estrutura de mercado imperfeito, denominada de concorrência monopolística ou concorrência MONOPOLISTA. Esta forma de mercado tem como característica marcante empresas produzindo produtos diferenciados, embora sendo substitutos próximos. Notamos, então, que, na concorrência monopolística, a empresa tem determinado poder sobre a fixação de preços. A diferenciação do produto pode ocorrer por características físicas, de embalagem ou pelo esquema de promoção de vendas. Como exemplo, temos os laboratórios farmacêuticos, as indústrias alimentícias, automobilísticas etc.

*A concorrência monopolista é uma estrutura de mercado que contém elementos da concorrência perfeita e do monopólio, ficando em uma situação intermediária entre essas duas formas de organização de mercado. Contudo não se confunde em nada com o oligopólio.*

Agora que já conversamos um pouco sobre monopólio vamos conhecer as principais características da concorrência monopolista. São elas:

- margem de manobra para fixação dos preços não muito ampla, uma vez que existem produtos substitutos no mercado; e
- número relativamente grande de empresas com certo poder concorrencial, porém com segmentos e produtos diferenciados, seja por características físicas, seja por embalagens ou prestação de serviços complementares (pós-venda).



Observe que diante dessas características acabamos dando um pequeno poder monopolista sobre o preço do produto, embora o mercado seja competitivo – daí o nome de concorrência monopolista.

*Agora que já discutidos os principais aspectos ligados à Microeconomia, vamos passar à Macroeconomia? Você está pronto?*

No início do século XXI, a abordagem dos economistas tem-se dirigido à Nova Economia, à tecnologia da informação, ao ajuste externo e interno, à globalização dos mercados etc. Assistimos às evidências do impacto dessas mudanças no nosso dia a dia, às vezes, sem nos preocuparmos muito com as consequências. Por isso, separamos algumas indagações:

- Quais são exatamente os efeitos dessas mudanças?
- Como elas podem afetar os padrões de vida e a taxa de crescimento da economia?
- Como estas mudanças na economia atingem o emprego e o desemprego, os preços e o equilíbrio do balanço de pagamentos?
- Por que razão as rendas são atualmente mais elevadas do que em 1970 e por que, em 1970, eram mais altas do que tinham sido em 1930?
- Quais as causas da recessão e da depressão, e como as políticas públicas podem evitá-las?



Todas as questões levantadas anteriormente estão no campo da Macroeconomia. Agora não estamos mais preocupados em compreender ou discutir as unidades de forma isolada. Estamos, sim, analisando algo sobre a economia como um todo: o sistema econômico completo (agregado). Ou seja, é na Macroeconomia que notamos os pontos principais da análise do equilíbrio parcial e geral, levando em conta a busca do pleno emprego.

*Mas se a Macroeconomia se preocupa com a situação de pleno emprego, como podemos explicar taxas tão elevadas de desemprego no Brasil e no mundo?*

Várias são as explicações para a questão do desemprego. Em muitos casos, a razão é atribuída ao próprio indivíduo, por não estar preparado para as exigências do mercado de trabalho ou por não aceitar reduções salariais. Mas na verdade, trata-se da “dança das cadeiras”, conforme argumentou Souza (2000). Será que, por mais preparado que o indivíduo esteja, haverá local para ele sentar-se? Do ponto de vista individual, estar melhor preparado significa a possibilidade de primeiro sentar-se na cadeira.

Contudo, neste cenário precisamos considerar a questão na totalidade, ou seja, se a economia não é capaz de gerar cadeiras suficientes, inevitavelmente, pessoas ficarão de pé, por mais preparadas que estejam. Bem, mas aí temos algumas argumentações como, por exemplo, é a inovação tecnológica que destrói as cadeiras existentes na economia; o trabalho humano passa a ser substituído por máquinas.

*Estaríamos vivendo a época do fim do emprego, ou seja, nada podemos fazer, e o desemprego é algo inevitável?*



Novamente, ao observarmos a questão do ponto de vista individual, a inovação tecnológica causa desemprego. Contudo, ao mesmo tempo em que destrói, cria novos produtos, empresas, atividades econômicas e empregos. Em outras palavras, a inovação tecnológica, embora modifique o nível de emprego, não determina, a priori, seu resultado. Generalizando, os vários argumentos, tais como rigidez no mercado de trabalho, altos encargos trabalhistas, salários nominais rígidos etc., são facilmente refutáveis e não determinam, a princípio, o nível de emprego.

O que queremos argumentar é que estar ou não empregado não é uma mera escolha individual. O aumento do nível de emprego ocorre quando a taxa de expansão da economia supera o aumento da produtividade do trabalho (que significa um mesmo indivíduo passar a produzir mais no mesmo espaço de tempo, fruto de inovações tecnológicas).

Simplificando, podemos dizer que o aumento da produtividade dispensa cadeiras. Logo, o crescimento econômico deve ser capaz de gerar cadeiras suficientes para compensar as perdas e ainda absorver os jovens ingressantes no mercado de trabalho. Contudo deparamo-nos, então, com duas variáveis que, de fato, determinam, a priori, a quantidade de cadeiras existentes na economia: o crescimento econômico e a produtividade do trabalho.

*Mas você sabe quem são os “atores” que decidem sobre essas variáveis?*

Como afirmamos, a inovação tecnológica, a princípio, não determina o nível de emprego. Essa é apenas uma faceta menos grave do problema. A outra é a questão do crescimento econômico. Vamos considerar como



dada a variável produtividade. Caso não houvesse um crescimento da economia suficiente para absorver os entrantes no mercado de trabalho, inevitavelmente teríamos desemprego, pois não haveria emprego para os novos profissionais.

Dessa forma, a questão agora é entender o porquê de taxas tão medíocres de crescimento, como, por exemplo, o da economia brasileira, principalmente nos ANOS 1990. Agora, trata-se de uma escolha, principalmente, política. Em suma, a verdadeira explicação para o desemprego é justamente a estagnação do crescimento econômico.

Os conceitos mais abrangentes de política são úteis para definirmos política econômica, dado que esta não pode ser vista como um conjunto de procedimentos estanques e isolados. A política econômica abrange uma das partes integrantes da política pública. Situa-se no campo da Economia Normativa, por se sustentar não apenas no conhecimento positivo da Economia, mas também em juízos de valor, decorrentes de posições filosóficas e culturais assumidas pelos formuladores.

Para ser direto, podemos resumir os objetivos da política econômica em quatro, a saber:

- crescimento da produção e do emprego;
- controle da inflação;
- equilíbrio nas contas externas; e
- melhor distribuição da renda gerada no país.



Observe que os objetivos de política econômica são amplos. Segundo Lanzana (2002), “[...] é preciso ter consciência de que os objetivos de política econômica não são independentes, sendo, no mais das vezes, conflitantes”.

O crescimento econômico é expresso usualmente por intermédio do acompanhamento de algumas variáveis, traduzidas em indicadores. As análises macroeconômicas tomaram impulso com o desenvolvimento da chamada contabilidade nacional, ou seja, de um instrumental capaz de mensurar a totalidade das atividades econômicas praticadas em um determinado período de tempo. O crescimento econômico está entre as METAS dos formuladores da política econômica e refere-se à expansão da produção do país, uma quantidade maior de bens e serviços à disposição da sociedade.

O SISTEMA DE CONTAS NACIONAIS, tal como é empregado no Brasil e no resto do mundo, deve-se aos trabalhos de vários economistas que se dedicaram à tarefa de homogeneizar a linguagem e definiram as principais variáveis como: consumo, investimento, renda, poupança, produto interno e nacional.

Se observarmos o comportamento da economia de um determinado país, facilmente notaremos que as atividades econômicas oscilam com o decorrer do tempo. Para medir as oscilações referidas, entre os vários tipos de indicadores, um dos mais representativos desta performance é o PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), calculado trimestralmente e que deve ser acompanhado com atenção. O PIB faz uma radiografia de toda a atividade econômica.

Existem três formas de medir a atividade econômica de um país: a ótica da produção, que é o próprio conceito de PIB; a ótica da renda, que se refere à remuneração dos fatores que participam do processo de produção



como salários, juros, aluguéis e lucro; e a ótica da despesa, que se refere aos agentes que compram a produção – como as famílias, o investimento das empresas, os gastos do governo e as exportações e importações.

Hipoteticamente, podemos dizer que, se a produção de bens e serviços de um país cresce mais rapidamente que a taxa de crescimento da população, em média, a produção por pessoa deve aumentar. Contudo, lembre-se de que o que importa para as pessoas é o valor real da moeda, traduzido no poder de compra da sua renda (salários, juros e aluguéis). Onde estiver ocorrendo um processo de mudança de preços (inflação ou deflação), vamos falar em PIB real. Portanto, o PIB real deve ser compreendido como uma medida de produto que leva em conta as alterações dos preços e não pode ser desprezada.

### *Mas o que determina o crescimento?*

Como já explicitado, a variação do PIB é a medida do crescimento econômico. Assim, precisamos saber quais são os componentes do PIB para saber o que realmente determina o crescimento econômico de um país.

Separamos para você uma equação que representa os condicionantes do crescimento econômico. Veja a Figura 9.

$$\text{PIB} = \text{CONSUMO DAS FAMÍLIAS} + \text{GASTOS DO GOVERNO} + \text{INVESTIMENTO DAS EMPRESAS} + \text{EXPORTAÇÃO LÍQUIDA}$$

Figura 9: Condicionantes do crescimento econômico Fonte: Elaborada pelos autores



Vamos analisar, agora, cada um dos componentes separadamente.

- Consumo das famílias: ao se apropriarem de suas rendas, as famílias destinam uma parte ao consumo de bens e serviços. Quanto mais as famílias consumirem, mais as empresas terão que produzir para suprir as demandas por bens e serviços das pessoas. Vale ressaltar que famílias de baixa renda tendem a consumir proporcionalmente mais de suas rendas, pois não adquiriram todos os bens de que necessitam. Destaca-se, então, a importância de uma distribuição de renda equitativa no país, pois famílias de baixa renda consomem pouco e, caso tenham incrementos em seus ganhos, passarão a consumir mais, impulsionando o crescimento econômico.
- Investimento das empresas: é uma das mais importantes variáveis para o crescimento de um país. Ao investirem, as firmas elevam os níveis de emprego, produto e renda. As indústrias, na maioria das vezes, não possuem recursos suficientes para realizar seus planos de investimento e, com isso, precisam recorrer a empréstimos junto às instituições financeiras, pagando uma determinada taxa de juros pelo dinheiro que tomam emprestado. Ao fazerem seus planos de investimento, as empresas calculam, aproximadamente, a rentabilidade que tal investimento vai lhes proporcionar. Caso a lucratividade do investimento seja maior que os juros que deverão ser pagos pelo financiamento, a empresa realizará seus planos; caso contrário, tal investimento tornará inviável. Portanto, para que exista um nível de investimento elevado na economia, é necessário que se mantenha a taxa de juros baixa.



- Gasto público: ao fazer obras, construir, operar suas estatais etc., o governo está empregando mais pessoas, expandindo o nível de emprego e, ao mesmo tempo, dando condições para que as empresas produzam mais. Assim, ao comprar e produzir mais, o governo causa uma elevação da produção e do nível de emprego, e aumenta o nível de renda da economia.
- Exportação líquida: são as exportações menos as importações realizadas por um determinado país. Quanto maior o saldo, maiores o nível de emprego e o crescimento econômico, já que a produção deve aumentar; quanto menor o saldo, menor o nível de emprego, pois produtos que eram produzidos aqui passam a ser comprados do exterior, piorando a produção da economia. É óbvio que nenhum país fica sem comprar e vender para o exterior, mas o ideal é aumentar o nível de exportações e diminuir o de importações. O Sistema de Contas Nacionais e a consequente mensuração dos agregados possibilitam uma avaliação quantitativa do produto que uma economia pode ser capaz de gerar num determinado período de tempo. Tal medida vem sendo considerada um importante indicador de desempenho econômico e mostra a capacidade de geração de renda das economias. Portanto, quando o objetivo da política econômica for de crescimento econômico, automaticamente se estará procurando expandir o nível de produção e, conseqüentemente, o nível de emprego da economia.

A mensuração das variáveis econômicas possibilita a avaliação quantitativa do produto que uma economia torna capaz de gerar num determinado período de tempo. Tal medida é considerada um importante



indicador de desempenho econômico e identifica a capacidade de geração de renda da economia. Entretanto, se nos preocuparmos com a qualidade de vida da população iremos ver que o produto agregado será inadequado.

Na avaliação da qualidade de vida da população, é necessário considerarmos não apenas os aspectos econômicos, mas também aqueles ligados à oferta de bens públicos, como saúde e educação, que acabam afetando diretamente o nosso bem-estar. A utilização de indicadores sociais parte da avaliação da riqueza de uma região e insere-se na discussão entre crescimento e desenvolvimento econômico.

A preocupação com o bem-estar da sociedade nos remete ao confronto de dois importantes conceitos: CRESCIMENTO ECONÔMICO versus DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. É possível observarmos nas sociedades em fase de desenvolvimento ou subdesenvolvidas a ocorrência de crescimento sem desenvolvimento. Contudo, se o crescimento for muito concentrado, ou seja, mal distribuído, a maior parte da população não se beneficiará da elevação da renda gerada na economia.

Vale a pena observar que uma das formas de avaliar o desenvolvimento é acompanhar a evolução de alguns indicadores relativos à saúde e à educação, porque seu comportamento fornece uma boa aproximação do que está ocorrendo com a qualidade de vida da população.

Algumas instituições internacionais, como o Banco Mundial e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vêm divulgando sistematicamente dados como os de expectativas de vida, mortalidade infantil, condições sanitárias, nível e qualidade da educação do país.

Tais estatísticas, além de permitirem avaliar a qualidade de vida de um país, possibilitam comparações entre os países e fornecem uma ideia



mais precisa do que vem a ser caracterizado como um país desenvolvido. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), publicado nos Relatórios do PNUD, tem como objetivo avaliar a qualidade de vida nos países. O PNUD calcula o IDH desde o início dos anos 1990 e, atualmente, o estima para muitos outros países.

O IDH agrega em sua metodologia de cálculo três variáveis:

- Indicador de renda: é a renda per capita, ajustada para refletir a paridade do poder de compra (PPP) entre os países (portanto, renda avaliada em US\$ PPP);
- Indicador das condições de saúde: é a expectativa de vida (índice de longevidade); e
- Indicador das condições de educação: é uma média ponderada de outros dois indicadores, a taxa de alfabetização de adultos e a taxa combinada de matrícula nos Ensinos Fundamental, Médio e Superior.

Por fim é importante destacarmos que o IDH varia de zero a um, permitindo classificar os países em três grupos distintos:

- baixo desenvolvimento, quando o IDH for menor ou igual a 0,5;
- médio desenvolvimento, quando o IDH estiver entre 0,5 e 0,8; e
- alto desenvolvimento, quando o IDH for maior que 0,8.



### *Complementando*

Amplie seu conhecimento através das indicações a seguir:

Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – onde você tem informações sobre como é calculado o PIB no Brasil e sua evolução durante os últimos anos.

Portal Ipeadata – é uma base de dados macroeconômicos, financeiros e regionais do Brasil que oferece também catálogo de séries e fontes, dicionário de conceitos econômicos, histórico das alterações da moeda nacional e dicas sobre métodos e fontes utilizadas.

Portal Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) – aqui é possível conhecer mais sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e sua evolução nos principais países. Para tanto acesse:



# REFERÊNCIA

MENDES, Carlos Magno et al. - Introdução à Economia. Florianópolis : Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES : UAB, 2009.

